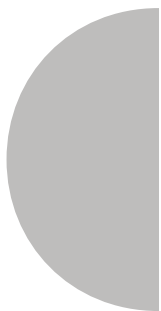


Marina Teixeira Mendes de Souza Costa
Daniele Nunes Henrique Silva
Flavia Faissal de Souza



Corpo, atividades criadoras e letramento

CORPO, ATIVIDADES CRIADORAS E LETRAMENTO

Copyright © 2013 by Marina Teixeira Mendes de Souza Costa,
Daniele Nunes Henrique Silva e Flavia Faissal de Souza
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Salette Del Guerra**

Capa: **Gabrielly Silva**

Projeto gráfico e diagramação: **Acqua Estúdio Gráfico**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

| | |
|---|----|
| <i>Apresentação da coleção</i> | 9 |
| <i>Prefácio</i> | 11 |
| 1. A escrita na perspectiva histórico-cultural | 13 |
| Introdução | 13 |
| Considerações teóricas sobre processo de simbolização no desenvolvimento infantil | 13 |
| A relação entre desenho e escrita | 18 |
| A escrita e seus desdobramentos educacionais nas práticas de letramento e alfabetização | 22 |
| Relembrando | 28 |
| Sugestão de atividades | 29 |
| 2. O corpo e a cultura | 31 |
| Introdução..... | 31 |
| O corpo e seu estatuto semiótico | 40 |
| O corpo e o movimento: focalizando a pessoa completa – contribuições de Henri Wallon | 43 |
| Os estudos sobre o corpo na escola: reflexões sobre a ênfase psicomotricista na aquisição da linguagem escrita | 48 |

| | |
|--|-----------|
| Relembrando | 50 |
| Sugestão de atividades | 51 |
| 3. Corpo e processos de letramento: focalizando as atividades criadoras (o faz de conta e a narrativa) | 55 |
| Introdução | 55 |
| A mediação do corpo nas experiências <i>não gráficas</i> de letramento na interação criança-criança e adulto-criança | 56 |
| Relembrando | 71 |
| Sugestão de atividades | 71 |
| 4. Corpo e processos de letramento: focalizando as atividades criadoras (o desenho e a escrita) | 73 |
| Introdução | 73 |
| A mediação do corpo nas experiências <i>gráficas</i> de letramento na interação criança-criança e adulto-criança..... | 74 |
| Relembrando | 85 |
| Sugestão de atividades | 86 |
| 5. Reflexões das crianças sobre a temática do corpo | 87 |
| Introdução | 87 |
| Opiniões das crianças sobre o modo como sentem e pensam suas experiências com o corpo na escola | 88 |
| Relembrando | 95 |
| Sugestão de atividades | 96 |
| 6. Considerações finais | 97 |
| <i>Referências bibliográficas</i> | 101 |

Apresentação da coleção

A coleção “Imaginar e criar na educação infantil” tem como principal objetivo ampliar a discussão sobre as atividades criadoras infantis e seus desdobramentos educacionais. Partindo, centralmente, da contribuição teórica da perspectiva histórico-cultural (Lev Semionovich Vigotski e colaboradores), os textos que compõem a coleção buscam preencher uma lacuna nas publicações voltadas para a formação docente em educação infantil, no que tange à problemática que envolve os processos de imaginação da criança pequena.

Aqui, a brincadeira de faz de conta, a narrativa e o desenho, entre outros, são dimensões que caracterizam e qualificam a produção cultural da criança pequena e, por isso, merecem dos educadores um olhar privilegiado e atenção especial.

Não se trata de um manual, nem mesmo de um compêndio teórico. Pretendemos, de fato, compor um tipo de leitura que aproxime o leitor dos temas complexos implicados no desenvolvimento da criança, chamando a atenção para suas esferas criativas de expressão e representação do/no mundo.

Tentamos criar uma ponte entre as pesquisas mais atuais produzidas pela educação, pela psicologia e por áreas afins (em diferentes universidades brasileiras) – organizadas em forma de teses e dissertações – e as rodas da sala de aula. Para obter êxito nesse traslado, que não é muito simples, decidimos montar uma edição que pudesse ser bem amiga do leitor-professor; um texto com pistas para garantir maior pro-

ximidade com o conteúdo teórico exposto nos livros articulado à realidade da escola e aos problemas lá enfrentados.

Sem perder a profundidade acadêmica necessária à abordagem dos temas selecionados, mas ganhando uma dinamicidade na leitura, pensamos em uma edição com boxes explicativos, episódios de sala de aula e sugestão de atividades (estas últimas estruturadas por professores da educação infantil espalhados pelo Brasil).

O nosso foco é você, educador, que está do outro lado vendo tudo acontecer, sentindo (na pele) todas as transformações brotadas da/na sala de aula, desejoso de diálogo.

Daniele Nunes Henrique Silva

Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UnB)

Prefácio

É com prazer que escrevo as linhas introdutórias de uma leitura leve – já que trata do brincar, do desenho, da escrita e da imaginação no espaço lúdico da educação infantil – e, ao mesmo tempo, densa, – uma vez que assume a importância das reflexões sobre o fazer de professores nessa mesma educação infantil e sobre sua responsabilidade de bem explorar as complexas relações entre corpo, sujeito e cultura, o que pode colaborar para as construções teóricas e práticas nessa área.

Fundamentado na perspectiva histórico-cultural, este livro pretende ampliar a discussão estética e cognoscitiva sobre o papel do corpo nas práticas de letramento, tomando como ponto de partida as atividades criadoras na infância. Para isso, as autoras construíram um modo particular de organizar tais atividades, considerando o faz de conta e a narrativa *atividades não gráficas* e o desenho e as primeiras elaborações escritas *atividades gráficas*. Essa forma inovadora de apresentar as atividades da infância permite ao leitor redefinir seu “posto de observação”, ampliando as possibilidades de compreensão das produções infantis no espaço escolar.

Mas o que merece maior destaque é o fato de todo o estudo, oriundo da dissertação de mestrado defendida por Marina Teixeira Mendes de Souza Costa, ter sido desenvolvido por uma professora-pesquisadora¹.

1. Costa, M. T. M. S. O papel do corpo nas atividades práticas de letramento: um estudo sobre as atividades criadoras na infância. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde (PG-PDS), Departamento de Psicologia Escolar e Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2012.

Partindo de sua prática, ela refletiu sobre o próprio fazer, buscando explicações nos referenciais teóricos para melhor compreender a realidade vivenciada.

É no espaço do ensino público infantil que a autora-professora redobra sua atenção para o fazer de seus alunos de 4-5 anos e recorta da prática situações que envolveram experiências de letramento articuladas aos processos criativos das crianças, com atenção especial à participação do corpo. Essa ação da professora, ao mesmo tempo de intervenção e de pesquisa, inicialmente criou condições para que ela – no diálogo com outros pesquisadores mais experientes (coautores) – consolidasse um conjunto de vivências e reflexões organizadas que pode ser agora compartilhado com todos aqueles que se interessam pelos complexos processos de simbolização presentes no espaço da educação infantil.

A exposição de situações do cotidiano de sala de aula aproxima as autoras dos leitores mais acostumados com o dia a dia da educação infantil. Muitas vezes, situações que parecem corriqueiras e sem maior importância são emblemáticas para nos ajudar a compreender composições imaginativas, aspectos das atividades simbólicas ou do uso do corpo pelas crianças. No conjunto das situações expostas, o livro ilustra diferentes modos de emergência do letramento, indicando que a simbolização envolvida na escrita está presente nas atividades criadoras muito antes de as crianças desse nível de ensino iniciarem a alfabetização.

Assim, elas nos convidam a olhar com mais cuidado para a centralidade que o corpo assume nos processos de leitura e escritura no espaço da educação infantil: o corpo narra, cria, brinca, desenha e escreve!

Cristina Broglia Feitosa de Lacerda

Docente do curso de licenciatura em Educação Especial
e do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial
da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar)

1

A escrita na perspectiva histórico-cultural

Introdução

A discussão promovida no presente livro tem como aporte teórico os fundamentos conceituais da perspectiva histórico-cultural sobre a aquisição da linguagem escrita pela criança. Focalizaremos, neste capítulo, os estudos que L. S. Vigotski e seus colaboradores realizaram na antiga União Soviética entre os anos 20 e 30 do século passado.

Esse grupo de pesquisadores parte do pressuposto de que a escrita, por envolver um complexo processo simbólico, é fundamental para compreensão do funcionamento psicológico da criança.

Para eles, o gesto, em sua relação com o faz de conta e com o desenho, é a esfera central para entendermos todos os aspectos implicados no processo de simbolização da criança pequena. E tais aspectos têm vínculo direto com a escrita e as dinâmicas educacionais.

Considerações teóricas sobre o processo de simbolização no desenvolvimento infantil

Sob a perspectiva histórico-cultural, a escrita ocupa lugar de

Este capítulo propõe:

- Apresentar os processos de apropriação da escrita na perspectiva-cultural.
- Abordar a estreita relação entre gesto, faz de conta e desenho na aquisição da linguagem escrita, focalizando particularmente a participação do corpo.
- Refletir sobre o papel da escrita e seus desdobramentos educacionais nas práticas de letramento e alfabetização.

destaque nos estudos realizados por L. S. Vigotski e seus colaboradores. Também uma invenção humana, tanto quanto os outros signos, a linguagem escrita revela a especificidade do funcionamento psicológico do homem, em que os fatores culturais assumem destaque (Vigotski, 2008).

Vigotski esclarece que a aquisição da escrita relaciona-se com todo o processo de construção do simbolismo na criança, apontando o uso do gesto, do faz de conta e do desenho como elementos essenciais para compreender tal funcionamento. O gesto, nessa perspectiva, se caracteriza como signo visual no qual se origina a futura escrita. Para o autor (2008, p. 128), “os gestos são a escrita no ar, e os signos escritos são, frequentemente, simples gestos que foram fixados”.

Para fundamentar sua explicação, Vigotski cita o estudo de Wurth sobre a relação entre o gesto e a escrita pictórica, em que se evidenciou que os gestos figurativos, geralmente, indicam a cópia de um signo gráfico e os signos, muitas vezes, são a fixação de gestos. Ou seja, todas as designações simbólicas na pictografia se originam da linguagem gestual, ainda que, logo depois, passem a funcionar de forma separada e independente.

O autor aponta dois momentos em que os gestos estão intimamente relacionados com a origem da escrita. Um deles interliga-se especificamente ao faz de conta e o outro, aos desenhos realizados pela criança. Para esse autor, tanto no faz de conta como no desenho “o gesto [...] constitui a primeira representação do significado” (p. 133).

Faz de conta

A discussão sobre o faz de conta na construção dos processos da escrita baseia-se na importância que Vigotski atribuiu ao papel do brincar no desenvolvimento infantil. Ao brincar, a criança se envolve em um universo simbólico, e sua ação é organizada pelo uso de objetos, linguagem e gestualidade.

Vigotski aponta que na brincadeira determinados objetos adquirem outros significados, sustentados pela configuração gestual.

O autor ainda comenta que “não é importante o grau de similaridade entre a coisa com que se brinca e o objeto denotado. O mais importante é a utilização de alguns objetos como brinquedos e a pos-

sibilidade de executar, com eles, um *gesto representativo*” (Vigotski, 2008, p. 130).

Vigotski exemplifica que, no jogo infantil, uma trouxa de roupas pode tornar-se um bebê em decorrência dos gestos que a criança realiza na sua representação. Ou seja, a forma como a criança segura o monte de roupas, a maneira como movimentar os braços conferem ao objeto a função de signo. Isso se torna possível porque a mesma gestualidade que retrata o ato de pegar um bebê no colo aplica-se também à trouxa de roupas.

Essa mesma situação pode ser verificada na transformação da vassoura em cavalo de pau. Essa modificação ocorre porque o objeto (cabo de vassoura) permite que a criança empregue determinado gesto com as pernas que o designe como cavalo de pau.

Desse ponto de vista, portanto, o brincar simbólico das crianças pode ser entendido como um sistema muito complexo de *fala* através de gestos que comunicam e indicam os significados dos objetos usados para brincar. É somente na base desses gestos indicativos que esses objetos adquirem, gradualmente, seu significado. (Vigotski, 2008, p. 130)

Já em um momento posterior do desenvolvimento do simbolismo da criança, os objetos não só representam aquilo que ela deseja, mas podem ser substituídos pela flexibilização de significados. Sem precisar mais do gesto para significar o objeto, um livro de capa escura pode se transformar em uma floresta porque a criança isola algumas das características do objeto (generaliza), significando-as pela linguagem.

Dessa maneira, certo objeto adquire uma função simbólica deslocada de sua representação objetiva, sem mais depender de seu suporte gestual. Isso implica dizer que o brincar passa a representar um simbolismo de segunda ordem.

Com base nesses pressupostos, podemos afirmar que é por meio do faz de conta que a criança vivencia diferentes situações e papéis, que vão além das suas ações cotidianas. O gesto, como suporte privilegiado da brincadeira, expressa como as crianças sentem o mundo e o que

pensam a respeito dele. Ademais, toda a dramatização gestual (o corpo) e as palavras, organizadoras da brincadeira, revelam uma *escrita não gráfica* produzida pela criança, seus modos de expressão e representação do real, suas leituras sobre o entorno cultural.

Importante!

Nessa perspectiva teórica, a brincadeira não se caracteriza apenas como mera imitação da realidade. A criança, no faz de conta, combina e recombina elementos da realidade, criando situações novas e inusitadas na cena lúdica.

Por meio da imaginação, em um processo ininterrupto de constituição e redimensionamento simbólico, ela explora de modos diversos o real. Ou seja, apoiada na experiência cotidiana, na incorporação de papéis sociais estabelecidos e prototipizados, a criança efetua leituras e escritas com seu corpo, revelando complexas modificações no funcionamento do seu plano simbólico.

Desenho

Em seus estudos sobre o desenho das crianças, Vigotski (2008) argumenta que inicialmente, no momento de desenhar, elas expressam por gestos (dramatização) aquilo que deveria estar demonstrado por meio do desenho. Assim, os traços se configuram apenas como uma base para a representação do gesto.

Discorrendo sobre a criança que desenha o ato de correr, o autor (2008, p. 128-29) afirma que ela “começa por demonstrar o movimento com os dedos, encarando os traços e pontos resultantes no papel como uma representação do correr”. O mesmo acontece quando a criança desenha o ato de pular. Os gestos que ela realiza indicam que está representando o ato de pular; no entanto, o que se vê em seus registros são os mesmos traços e pontos feitos para o ato de correr. Desse modo, os primeiros desenhos da criança estão mais relacionados com os gestos por ela feitos do que propriamente com o desenho em si.

Ainda, em um primeiro momento de configuração da composição gráfica, a criança registra no papel apenas as qualidades gerais do que deseja desenhar. Isso significa dizer que no desenho de objetos comple-